

SESSÕES DO PLENÁRIO

51ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 27 de outubro de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO GIKA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Bom-dia a todos e todas.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com a finalidade de fazer a entrega da Comenda 2 de Julho à socióloga Vilma Maria dos Santos Reis, decorrente da aprovação do projeto de minha autoria, deputado Gika Lopes.

Convido para compor a Mesa a Srª Fabya Reis, Secretária de Promoção da Igualdade Racial, representando o governador Rui Costa; Sr. Rafson Saraiva Ximenes, Subdefensor Público Geral, representante do Defensor Público Geral Clérison Cavalcante de Macedo; Sr. Luiz Alberto, ex-deputado federal; Srª Cleuza Juriti, Coordenadora Pedagógica do Instituto Casa da Cidadania de Serrinha; Srª Rosimeire dos Santos, Coordenadora da Associação do Quilombola Rio dos Macacos; Srª Tânia Palma, representante da Rede de Mulheres Negras; Sr. Marcos Cândido, co-fundador e coordenador do Projeto Axé; Sr. Hamilton Oliveira, militante do Movimento Negro, conhecido como Dj Branco.

Solicito ao cerimonial que conduza a este recinto a socióloga Vilma Maria dos Santos Reis.

(O cerimonial conduz a homenageada.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido a todos os presentes para ouvirmos o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Neste momento assistiremos a um vídeo.

(Exibição de vídeo)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Neste momento farei a minha saudação à homenageada.

Convido para compor a Mesa a Srª Ouvidora Geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia e homenageada, Vilma Maria dos Santos Reis; a Srª Secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis, neste ato representando o governador do Estado, Rui Costa; o Subdefensor Público Geral, Rafson Saraiva Ximenes, representando o Defensor Público Geral, Clérison Cavalcante de Macedo; o deputado

federal Luiz Alberto; a coordenadora Pedagógica do Instituto Casa da Cidadania de Serrinha, Cleuza Juriti; a coordenadora da Associação Quilombola Rio dos Macacos, Rosimeire dos Santos; a representante da Rede de Mulheres Negras, Tânia Palma; o cofundador e coordenador do Projeto Axé, Marcos Cândido; e o militante do Movimento Negro Hamilton Oliveira, conhecido como DJ Branco;

(Lê) “Bom-dia, companheiros e companheiras, em nome da nossa homenageada, Vilma Reis, quero saudar a todos da Mesa. É uma grande alegria compartilhar este momento com todos vocês. Em nome de Cleuza Juriti, essa companheira guerreira da cidade de Serrinha, saúdo a todas as mulheres hoje presentes neste grande momento de representatividade para a população negra da Bahia. E desde já quero agradecer a todas as pessoas que vieram prestigiar este evento.

A entrega da Comenda 2 de Julho não representa apenas uma homenagem, mas também uma forma de reconhecimento a todos e todas que contribuem ou tenham contribuído para o desenvolvimento político, social e administrativo do nosso Estado.

Esta Comenda é uma justa homenagem à socióloga Vilma Reis pelo reconhecimento da sua trajetória de lutas em defesa da mulher, da juventude negra, da população LGBT e demais grupos que historicamente estão em situação de desvantagem.

Vilma Reis é uma especialista que mantém contato com vivências concretas decorrentes das violências com recorte racial e de gênero, gestora pública que atua como interlocutora de grupos de combate ao racismo, LGBT fobia e machismo na Bahia.

Atualmente eleita, executa a função de Ouvidora Geral na Defensoria Pública do Estado da Bahia, desenvolvendo com maestria um serviço público de grande importância para a sociedade baiana.

Todos conhecem a trajetória desta grande mulher negra, natural de Nazaré das Farinhas, no Recôncavo Baiano. Entretanto, vale ressaltar que Vilma Reis é uma importante ativista do Movimento de Mulheres Negras, das Comunidades Quilombolas, uma referência nacional na luta contra a discriminação racial e pelos direitos das religiões de matriz africana.

O nosso mandato, Vilma, tem articulado e defendido importantes bandeiras em nosso Estado. Criamos alguns projetos de lei que visam assegurar direitos e buscar medidas de proteção através de políticas públicas que garantam a segurança, autonomia e saúde das mulheres, dos nossos jovens, da população LGBT. Indicamos o Projeto de Lei 21.786, de 2016, que dispõe sobre o incentivo de criação da ‘Parada Segura’ e critérios para desembarque de mulheres, fora da parada de ônibus em período noturno, nos veículos de transporte coletivo de todo o Estado da Bahia.

Indicamos também o PL 21.316, de 2015, que dispõe sobre a obrigatoriedade da flexibilização de certos aspectos do regimento interno das instituições de ensino para alunos em cumprimento de preceitos religiosos.

O PL 21.604, de 2015, que visa a obrigatoriedade de que cada Conselho Estadual ou Municipal que aborde assuntos sobre os Direitos das Crianças e Adolescentes reserve vagas para conter a presença de um representante nessa faixa etária.

E também o PL. 21.643, de 2015, que estabelece penalidades administrativas aos estabelecimentos e agentes públicos e privados que discriminem as pessoas por preconceito de sexo e orientação sexual. Por isso, o apoio da sociedade civil organizada é muito importante para que esses projetos venham a ser votados e aprovados nesta Casa.

Para concluir, quero dar um agradecimento especial ao movimento negro de Serrinha e ao professor Luizinho Sena, que contribui muito para o meu mandato ajudando e construindo projetos que visam assegurar uma sociedade mais justa e plural, respeitando a diversidade e mantendo o respeito ao próximo. Foi ele que nos inspirou a promover esta sessão especial no dia de hoje.

Parabéns, Vilma Reis, por dedicar sua vida a lutar pela organização e empoderamento daqueles que historicamente tiveram seus direitos negados em nosso Estado e no Brasil. Esta Comenda é o reconhecimento da sua trajetória e dedicação aos movimentos sociais e ao serviço público do nosso Estado.

Muito obrigado a todos e todas.”

Que Deus nos abençoe! E vamos à luta! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero convidar o deputado Bira Corôa, meu parceiro como parlamentar, para vir compor a Mesa. Por favor, Bira!

Neste momento convido a irmã da homenageada, Fernanda, e Maura Cristina da Silva, do MST da Bahia, para juntos fazermos a entrega da Comenda 2 de Julho.

(Procedem à entrega da Comenda à homenageada.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Tenho a satisfação de passar a palavra a nossa homenageada, a socióloga Vilma Maria dos Santos Reis. (Palmas)

Revisando aqui o protocolo, vamos chamar para fazer uso da palavra o ex-deputado Luiz Alberto. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para fazer uso da palavra o ex-deputado Luiz Alberto. (Palmas)

O Sr. LUIZ ALBERTO:- Bom-dia a todos e a todas.

Começo saudando o nosso presidente da sessão, deputado Gika Lopes, que propôs a entrega desta homenagem, a Comenda Dois de Julho, a nossa companheira militante e combativa Vilma Reis.

Hoje é Dia de Santo Reis, não é, Vilma? Na verdade, não é uma homenagem só a Vilma Reis, é mais uma homenagem à militância negra e mulher deste Estado e deste País que está encarnada numa mulher de Nazaré das Farinhas. As mulheres do

Recôncavo que travam essa luta contra o racismo e em defesa da vida, da juventude negra, em defesa do direito e da vida das mulheres negras.

Ontem, eu ouvi alguns artistas que falam da Bahia como se fosse um pedaço da África. É verdade, só que é uma África ainda do apartheid, onde o nosso povo não tem a tranquilidade de exercer a sua cidadania plena. Então cabe muito bem esta homenagem a essa militante. E a nossa militância não é uma só; são várias as militâncias para dar conta da complexidade e da luta em defesa da cidadania do nosso povo num Estado tão perverso, do ponto de vista da prática do racismo e da desigualdade, como é a Bahia.

Então, Vilma, você merece esta homenagem. Como eu falei, você, na verdade, está representando aqui esse conjunto de militantes homens e mulheres. Alguns e algumas deram as suas vidas à luta em defesa daquilo que nós desejamos, que é um estado de igualdade e oportunidade, no qual o racismo não seja a referência do lugar social que cada um de nós tem de ocupar.

Portanto, agradecemos à Mesa nas pessoas dos deputados Gika e Bira Corôa, que está ali, por esta Comenda Dois de Julho. O 2 de julho, como falamos, não é uma data meramente cívica; é uma data da luta política do povo negro, que lutou pela liberdade e independência do Brasil.

Infelizmente, não angariamos sucesso quando capitaneamos, eu e outros parlamentares, a luta para resgatar o nome 2 de Julho para o Aeroporto de Salvador, por isso, permanece a usurpação. Como estamos vivendo agora a usurpação da democracia, do poder, usurparam também a homenagem que havia no nome original daquele aeroporto.

E que Vilma signifique uma retomada daquela luta do nome do nosso aeroporto, que é simbólica, mas é de um simbolismo importante, pois afirma a luta do povo negro do nosso País, do nosso Estado e da nossa cidade.

Vida longa a Vilma Reis!

Vida longa ao nosso povo, à luta e à militância!

Um abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero convidar a Sr^a Cleuza Juriti para fazer uma breve saudação.

A Sr^a CLEUZA JURITI:- Bom-dia a todos e todas.

Quero saudar o deputado Gika em nome da militância do povo negro, das mulheres negras de serrinha, em nome de D. Antônia, uma das nossas mais velhas que vieram de Serrinha. Agradeço por esta oportunidade de estarmos mais uma vez prestigiando a nossa mestra Vilma Reis.

Em 2008, quando tive oportunidade, graças ao nosso mestre em Serrinha, nosso professor Luizinho, que deu oportunidade a mim e a outros jovens, naquela época, de conhecermos a nossa identidade, que sempre foi negada nos nossos espaços,

principalmente nos espaços de poder, Luiz Alberto, que sempre foram ocupados por pessoas que tentaram negar nossa história, tentaram implementar o racismo na nossa cabeça, na nossa mente, nós, povo e mulheres negras.

Agradeço a Luizinho por ter dado essa oportunidade. Ele, enquanto chefe de gabinete ou mesmo fora, compreende a importância de se discutir a política para as mulheres, a política do povo de terreiro, a política LGBT, e outras comunidades que historicamente sofrem com as mazelas em que nos encontramos, principalmente nesse processo histórico em que estamos.

Falar de Vilma em pouco tempo é muito difícil. Para nós, mulheres negras, que estamos aqui, sabemos do enfrentamento que temos todos os dias, qual o enfrentamento que temos até nos espaços em que convivemos, trabalhamos, em que estamos. E Vilma está sempre dando esse ânimo, companheiras de Serrinha e as outras companheiras da rede de mulheres negras.

Nós nos sentimos homenageadas e contempladas quando Vilma recebe a Comenda Dois de Julho, nos sentimos parte, cada uma de nós, cada um dos homens aqui presentes, que compreendem essa luta, e os jovens que não estão aqui são representados por cada um de nós, que temos a oportunidade de estar aqui.

Muito obrigada, Vilma, por fazer parte da nossa vida.

Vivamos nós, vivam as águas!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero agradecer pela presença de Lena Souza, assessora da senadora Lídice da Mata, e Maria Azevedo, jornalista.

Vou pedir um favor às pessoas para que façam uma breve saudação. Já quebramos o protocolo, pois nesta sessão só poderia falar eu e Vilma Reis. Abrimos essa exceção para vocês. Peço que sejam breves, pois já estão me cobrando.

Chamo Rosimeire dos Santos para dar uma breve saudação.

A Sr^a ROSIMEIRE DOS SANTOS:- Bom-dia a todos e todas. Bom-dia à Mesa.

Não tem como não quebrar o protocolo.

Sou Rosimeire dos Santos Silva, quilombola, trabalhadora rural, sou uma das pessoas que lutam por nossas vidas, por nossa sobrevivência e pela nossa terra, que está sendo tomada.

Fazer uma homenagem a Vilma Reis é muito difícil. Falar sobre a nossa realidade de vida no dia a dia é um pouco mais difícil também.

Conheci Vilma no final de 2010, começo de 2011. Estávamos num furacão, caindo de cabeça do viaduto, já para quebrar o pescoço lá embaixo. E aí, foi através dos movimentos de pescadores, o MPP e o CPP, que a gente conheceu Vilma Reis. Eu digo assim: as portas se abriram bastante para o nosso quilombo. Não só para o nosso quilombo, como para vários outros quilombos. A gente viu que a realidade de vida aqui fora não é como a realidade de vida lá dentro. Temos tantos direitos que não

sabíamos, e foi através dela, junto com as pessoas que defendem as comunidades, que vimos que não é daquele jeito que a Marinha fazia com a gente. Não tínhamos direito nenhum, nem para viver.

Eu sei que, hoje, temos grandes vitórias! Nós temos o alto reconhecimento da Fundação Cultural Palmares, com muita luta, com muito sangue derramado, com muitas perdas da nossa família. Temos o relatório do Incra, que foi feito junto com a comunidade; temos uma portaria de 104 hectares no Diário Oficial, que o governo decidiu sem a presença da comunidade, mas tem uma parte que é nossa. A comunidade quer, porque o território é nosso! Os mais de 900 hectares foram resumidos a 104, e sem direito à água.

Não tem como, Vilma, fazer uma homenagem sem falar da nossa realidade de vida. Foi muito sangue derramado para poder a gente chegar aqui, hoje, e falar de uma portaria de 104 hectares no Diário Oficial. A gente está esperando a titulação. A água é nossa vida, a terra é nossa vida, abaixo de Deus.

Nos temos duas lutas: sobreviver e ter o nosso território. Queremos tirar a senzala, o tronco e as correntes, e libertar os escravos. Até hoje existem escravos no Estado, não é? A Marinha representa o governo federal, e ainda existe a senzala.

Eu estou só fazendo um pedido, para que a gente tome muito cuidado com a nossa água, porque a água é nossa vida. Retirar a água de um quilombola, de uma comunidade quilombola é mesma coisa de enfiar a faca no nosso coração. Estamos fazendo este apelo, porque não tem como a gente negociar as nossas vidas. Não tem como a gente negociar as nossas vidas!

Vilma é uma das pessoas mais importantes, abaixo de Deus, para as nossas vidas, porque nossos filhos respiram a coragem que Vilma tem. A minha filha falou assim: “Um dia eu vou ser que nem ela!” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Quero agradecer a presença de Olívia Santana e convidá-la para compor a Mesa. A sua presença aqui é muito importante. (Palmas)

Convido Hamilton Oliveira, o DJ Branco, para fazer uma breve saudação.

O Sr. HAMILTON OLIVEIRA:- Olá! Em primeiro lugar, a bênção para quem é de bênção. Salve, Salve a juventude que está presente. Eu me chamo Hamilton Oliveira, mais conhecido com DJ Branco. Eu sou produtor cultural, comunicador social e militante do movimento negro. Quero dizer que hoje é um dia especial para nós que estamos aqui, vendo a Dr^a Vilma Reis – eu a chamo de doutora e também de jovem – receber a mais alta condecoração do Legislativo baiano. Não é qualquer pessoa que recebe isso.

Por que Vilma Reis está recebendo essa condecoração? Porque Vilma é ouvidora geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia? Não! É porque Vilma é militante do Movimento de Mulheres Negras da Bahia; é militante do povo de santo; é militante da comunidade quilombola. Vilma tem uma história de vida, desde a sua

adolescência, nos grêmios estudantis, nas faculdades, fazendo enfrentamento e denunciando o racismo e todas as injustiças sociais que vinham atingindo o povo negro nesta cidade de Salvador e no Estado da Bahia.

Conheci Vilma na comunidade do Bairro da Paz, que é a minha escola, onde tive a minha formação política. A gente iniciou uma parceria da Associação dos Grupos Culturais do Bairro da Paz, Agrupaz, da qual eu era presidente, com um projeto do Ceafro, para fazer formação política com os jovens – meninos e meninas – da comunidade na área de gênero, raça e equidade racial, acessibilidade e formação política. No início a gente teve um embate, como falei no discurso escrito, quando ela recebeu na Câmara Municipal a Medalha Zumbi dos Palmares e eu não pude estar presente. Ela é de uma personalidade forte, eu também, aí as coisas casaram.

De lá para cá, conversando nas trincheiras, no Bom Juá, no Bairro da Paz, no Engenho Velho da Federação, no Projeto Roda a Baiana, a gente resolveu participar do processo de eleição do Conselho Estadual de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado da Bahia – CDCN –, 10 anos atrás, para tentar reorganizar esse conselho.

Disputamos o processo de eleição, vencemos e criamos, pela primeira vez, a cadeira de juventude num conselho de Estado que existia há mais de 20 anos, mas não tinha na sua pauta a questão da juventude. A gente criou. Vilma, quando se elegeu para a cadeira de mulheres negras, concorreu como presidente do CDCN e assumiu a presidência. De lá para cá a gente vem travando várias lutas.

Conseguimos fazer com que o Estado da Bahia, a sociedade civil e o poder público entendessem qual o real papel de um conselho de direito e conseguimos interiorizar o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra. Temos um plano de trabalho que criamos no início das nossas duas gestões, que não se finalizou ainda, que é colocar nos 417 municípios da Bahia órgãos de promoção da igualdade racial.

Em 2013, a gente conseguiu brigar com o governo do Estado da Bahia, que disse que não haveria Conferência de Promoção da Igualdade Racial porque não tinha dinheiro. A gente conseguiu dialogar com a Seplan e traçar o mapa, ver onde tinha dinheiro que não foi gasto de algumas secretarias específicas, como Comunicação e Saúde, e relocar para a da Igualdade Racial. E assim a gente conseguiu realizar a maior Conferência de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia.

Dentro do CDCN, a gente iniciou o processo de desenho de um plano nacional de enfrentamento à violência contra a juventude negra, que foi o Plano Juventude Viva. E aí digo que foi o Plano Juventude Viva, porque o governo federal não conseguiu bancar esse plano...

No dia 2 de dezembro de 2013, o ex-governador Jaques Wagner assina na Escola Parque o termo de adesão ao Plano Juventude Viva, mas não consegue implementá-lo na prática, porque não é prioridade a vida da juventude negra no Estado da Bahia, no Estado brasileiro nem em lugar nenhum, porque quando é prioridade se destina orçamento específico para isso.

E aí existe um grande discurso de que a juventude é o futuro do País, mas não aponta que juventude é essa. Porque se a gente for com o nosso acúmulo, com a nossa propriedade de causa, a gente não vai a campo fazer pesquisa para elaborar relatório e diagnóstico. Não vai porque a gente vive e conhece essa realidade, a gente já sabe qual política precisa ser implementada para garantir a vida da juventude negra na Bahia, que é morta pelo aparelho do Estado, que é a polícia, à qual a gente paga para nos proteger.

Mas não existe nenhuma política pública efetiva nem para o desenvolvimento social, nem político, nem cultural, nem econômico dessa juventude. Os programas de juventude que existem hoje no governo do Estado da Bahia são ineficazes. O Plano Juventude Viva assinou um convênio com o governo federal. Na época, a Sedes e a Serin colocaram uma parte do dinheiro e foram comprados dois micro-ônibus para rodar o Estação da Juventude, tanto na zona rural quanto na urbana, mas não rodou. O dinheiro foi devolvido este ano para o governo federal e os ônibus foram relocados para outro setor. Pergunto: é prioridade? Não é prioridade.

Quando a gente fala que o 2 de julho é uma data importante para este Estado, é porque é uma data que marca...

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Para concluir, irmão.

O Sr. HAMILTON OLIVEIRA:- (...) a libertação de um povo. O início de uma luta para a libertação. E o início da luta para a nossa sobrevivência é garantir a vida da juventude negra. Não tem diálogo, não tem outro diálogo, porque está tudo escrito, já temos os documentos. Não precisa fazer mais Conferência de Juventude ou eleição de Conselho Estadual de Juventude, que não presta para nada, se não se implementar o que já está aí.

Quero dizer, Vilma, que é mais do que merecida esta homenagem que você recebe hoje. Mais uma vez quero dizer que essa Comenda não é só sua, mas, sim, de milhares de mulheres que choram todos os dias a morte de seus filhos nas comunidades, daquela juventude que é exterminada pelo aparelho do Estado, que é a polícia. É também da comunidade quilombola, do povo de santo, da juventude negra, que luta pela vida. Esta Comenda é nossa.

Salve, Vilma Reis!

Salve, 2 de Julho! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para fazer uma breve saudação o coordenador de projeto do Axé, Marcos Cândido. (Palmas)

O Sr. MARCOS CÂNDIDO:- É uma honra, na verdade, estar participando deste momento. Vilma tem todo o nosso respeito, a admiração de uma organização que há 26 anos luta na rua justamente para manter essa meninada viva.

A gente, com os nossos educadores... Cesare sempre diz que o Axé se conjuga sempre no feminino. Paulo, quando falava para uma plateia de professores, dizia:

“Nós professoras”. O Axé é muito feminino para poder sustentar e dar força e acolhimento a essa meninada que chega com muita raiva.

Então, para mim é uma honra. Acho que Vilma merece demais esse reconhecimento.

E quero fazer uma provocação. No ano passado, a gente recebeu alguns prêmios, eu fui receber no Senado o Prêmio Dom Hélder Câmara de Direitos Humanos, e uma das coisas que fiquei pensando era o seguinte: seria muito bom, já que esses prêmios são conferidos pelo trabalho, pelo reconhecimento que se faz ao trabalho de pessoas – e eu disse isso lá no Senado, naquele dia, e faço esta mesma provocação a esta Casa –, que um dia esta Assembleia pudesse se dar essa Comenda Dois de Julho, no sentido de que ela pudesse ser ela mesma esse lugar que representa a luta pela igualdade, pelo respeito a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para fazer uma breve saudação a presidenta da Rede de Mulheres Negras, Tânia Palma.

A Sr^a TÂNIA PALMA:- Bom-dia a todas e a todos.

É muito difícil aqui esse negócio de a gente falar com apito e brevidade, coisas que não combinam muito com as mulheres, sobretudo com as mulheres negras, que falam muito, que gostam de falar. A gente que trouxe 6 páginas para ler e mais um caderno, não dá para ser breve. Como é que vai ser a engenharia, agora, para fazer isso? Está muito difícil, deputado Gika, com todo o respeito a V.Ex^a.

Vamos começar para ver como ajeitamos a prosa, como é que essa prosa vai acontecer aqui.

Fiquei pensando logo cedo, pela manhã, o tão importante que é, como disse aqui o ex-deputado Luiz Alberto, a Comenda Dois de Julho, que traz o significado importante de lutar pela nossa independência, inclusive pela Independência do Brasil, porque a gente foi quem começou primeiro.

E eu descobri, inclusive, que o Sul não gosta muito da gente, deputado, porque tudo começa na Bahia mesmo, tudo começa por aqui. E essa Comenda, acredito, não pode ser dada a todo o mundo, vocês não concordam? Nem todo mundo está habilitado a recebê-la, porque a gente já viu aqui algumas pessoas receberem esta Comenda e a gente perguntou: é de onde mesmo a pessoa? É uma Comenda importante.

A gente sabe que a Comenda de Vilma não é somente dela, ela não vai brilhar sozinha porque a gente não vai deixar, a gente também vai ficar na beira. É uma beiradinha da Comenda para todo mundo. Todo mundo aí tem um pedacinho dessa Comenda. Quem não vai levar o livro, vai tirar foto para dizer: olhe, a gente estava lá; estava lá e recebeu também.

Eu queria também falar aqui antes de falar um pouco de Vilma, porque falar da política é falar de Vilma. Vilma é uma pessoa política e quero fazer a fala no sentido da política, sobretudo neste momento que a gente está vivendo agora no Brasil, na

Bahia e em Salvador. Estamos em estado de golpe, os nossos inimigos estão todos armados contra nós, a gente faz de conta que não vê, e essa luta da militância, essa luta política, é uma luta que o grande exemplo é defender a coletividade, defender a maioria da população, sobretudo a população que mais precisa.

Nessa luta que Vilma se insere com tantas outras e outros, nós precisamos, neste dia, porque acho que a grande homenagem que a gente pode fazer aqui é de que toda essa plateia que está aqui, os que estão vendo a gente através da TV Assembleia, é somarmos, nos juntarmos para enfrentar esse golpe aí. Acho que essa lição é a mais importante. Nós precisamos derrubar o que está aí, mas a gente vai precisar que todo mundo entre, porque não dá para entrar pela metade. (Palmas) E este dia aqui é o dia de a gente vir para aqui firmar esse pacto.

Então acredito, deputado Gika Lopes, que muita gente não está aqui porque é pela manhã, horário de trabalho, muita gente quis vir, mas não pôde, mas está sintonizada de que a decisão do pacto tirado aqui por nós de enfrentar o que está aí será também de todos e de todas.

Então, nós da Rede, acho que vai começar o exercício, porque gosto muito da pedagogia da desobediência. Acho que obediência não casa com uma pessoa que luta, a gente tem que ser desobediente mesmo, prego essa pedagogia da desobediência, de que a gente precisa tirar uma lição do que aconteceu em Brasília, porque senão, em 2018, a bagaceira chegará à Bahia. (Palmas) E se a gente não começar a partir da votação da reforma administrativa que será proposta agora pela Câmara, porque acho, minha gente, que a gente vai ter que ir dar sapatada nos vereadores. Nós vamos ter que ir disputar a cidade na Câmara e disputar o Estado da Bahia, porque o que aconteceu em Brasília está mostrando para a gente que o caminho não está fácil, não.

Eu sei e desejo que Vilma esteja nessa luta; desejo que todas nós estejamos nessa luta, porque é a luta pela nossa existência. Essa luta que as pessoas falaram aqui de Vilma é a luta pelo direito de a gente existir. A gente não está de brincadeira. A Comenda faz parte da luta do direito de existir.

É importante que todas nós sejamos homenageadas num Estado e numa cidade que somos invisíveis, como bem disse Branco aqui. A gente quer ser homenageada, mas a gente precisa estar na luta, não esquecer do nosso papel, porque a gente, inclusive, vai disputar espaço de poder, mas a gente vai disputar o espaço com agenda coletiva. E quando a agenda coletiva não der certo, a gente vai cair fora, porque a gente não vai lá para enfeitar o banco de ninguém.

Então, Vilma, desejo a você vida longa, muito trabalho, muita reunião, muita discussão, muita disputa e muito conflito, porque a luta é isso. Esse negócio de que todo mundo se deu bem no Brasil é engano, que banqueiro ganhou, que população pobre ganhou, negro ganhou, mulher ganhou e todo mundo ganhou, desconfie. Desconfie! Nós estamos numa verdadeira luta de classes, e a gente tem que saber qual o nosso lugar e o que queremos com isso aqui. Onde é que a gente quer chegar nessa luta?

Então, desejo vida longa para você, que vá para frente e que possamos transformar e mudar o rumo da Bahia e do Brasil, assim como o México está nos

ensinando com as nossas companheiras zapatista. A eleição em 2018, no México, terá uma índia candidata a presidente. É isso que desejo.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para fazer uma breve saudação o Dr. Rafson Ximenes.

O Sr. RAFSON XIMENES:- Bom-dia a todos e a todas. Vou tentar ser breve, deputado Gika, embora seja um pouco difícil, porque falo enquanto defensor público, representante da Defensoria Pública, e a história da Defensoria Pública na Bahia, principalmente a partir de 2006/2007, se confunde com a influência de Vilma Reis. Sou defensor público desde 2007 e o meu curso de formação, boa parte dele, foi feito por Vilma Reis. Isso influenciou muito o defensor que me tornei, os valores que adquiri. Tenho certeza de que não seria a pessoa que sou hoje sem esse contato e a Defensoria Pública não seria o que ela é hoje sem esse contato.

Quando Vilma Reis recebe uma homenagem como essa, como recebeu recentemente a Medalha Zumbi dos Palmares, sinto que a Defensoria é homenageada também, não pelo mérito, pelo recebimento da medalha. Como DJ Branco falou muito bem, independente da passagem de Vilma pela Defensoria, ela seria homenageada, porque essa homenagem se dá pelos méritos dela, pelos méritos de Tânia Palma, pelos méritos de Luiza Bairros, pelos méritos de Lélia Gonzalez, de Maria Felipa, pelos méritos do povo negro como um todo, de todos que vieram antes dela e que continuam com ela.

Sinto a Defensoria homenageada também porque foi a única instituição que compõe o sistema de Justiça que teve a coragem de vir aqui nesta Assembleia – foi a segunda do País a fazer isso – instituir uma ouvidoria externa, determinar que não basta ter uma ouvidoria para a sociedade falar com a Defensoria. Quem representa essa ouvidoria tem que ser alguém de fora, não pode ser um defensor, não pode ser um defensor aposentado, justamente para trazer uma visão externa e para levar a Defensoria para o resto da sociedade também para fazer essa aproximação.

Então, cada vez que acontece uma homenagem como esta, sinto como reconhecimento que a Defensoria tomou o caminho certo, um caminho que não é fácil, um caminho que gera resistências internas e externas também em todo o Brasil, mas um caminho que não tenho dúvida de que é exitoso.

Hoje eu posso afirmar que alguns dos maiores orgulhos que tenho pessoais se devem a essa influência da ouvidoria externa, se devem à influência de Vilma Reis. Eu tenho orgulho de dizer que talvez seja a minha maior conquista na Defensoria Pública, enquanto defensor, que eu propus, e conseguimos aprovar, dialoguei com Vilma, a implantação de quotas raciais na Defensoria Pública daqui do Estado da Bahia. (Palmas)

Então, são fatos que eu tenho certeza de que a Defensoria hoje é outra, Vilma, graças a sua passagem, porque não tenho dúvida de que seria muito mais difícil para

mim ter acesso à história de Maria Gonzalez se você não dissesse que seu nome é Vilma Reis, com nome e sobrenome porque Maria Gonzalez lhe ensinou. (Palmas) E esse ensinamento vai sendo passado.

Quando vejo essa plateia tão bonita fico feliz, mas por um lado eu fico triste também. Fico triste, da mesma forma, quando vejo a composição da Mesa – tenho uma felicidade e uma tristeza. Fico feliz de ver a Assembleia lotada pelo povo negro. Fico feliz de ver tantas representações do povo negro na Mesa desta Assembleia, mas fico triste por pensar que normalmente essa Mesa é toda branca, por pensar que, a depender do homenageado, essa plateia também teria mais pessoas brancas, porque não é só o povo negro que precisa ouvir o que Vilma Reis tem a dizer, os brancos têm que ouvir também. (Palmas) O povo negro precisa ouvir para se orgulhar e para ver a representatividade que tem, mas o povo branco precisa ouvir para sentir culpa, para sentir remorso e para refletir. A gente tem que destacar as pessoas que vêm normalmente, isso tem que ser dito.

É um outro ponto de tristeza, porque nesse tipo de evento nós sempre temos a presença da secretária Olívia, da secretária Fábiana – antes tínhamos a da secretária Lucinha–, do deputado Bira Corôa, do deputado Gika – que teve a coragem de fazer a proposta também –, do deputado Luiz Alberto; mas não temos a maioria dos deputados e dos secretários!

Parece que a homenagem a Vilma Reis é uma questão de importância exclusiva para os representantes do Movimento Negro, para as pastas de governo diretamente ligadas, diretamente vinculadas aos direitos humanos, mas não ao restante. E da mesma forma acontece com o Senado. Sempre temos aqui....

(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)

O Sr. RAFSON XIMENES:- O Pessoal teve uma média de 5 o apitos. (Risos) Mas eu vou concluir, deputado Gika, sempre temos representação, Lena representando a senadora Lídice da Mata é constante. Mas isso devia ser um movimento geral! Queria que tivessem brancos aqui, sim, muitos brancos, que têm que ouvir e tem que pensar uma forma diferente de fazer Estado, como o deputado Gika está fazendo. A sua proposta em relação à obrigatoriedade da parada de ônibus depois das 10 horas da noite para as mulheres, em qualquer local, e não apenas nos pontos, isso, deputado Gika – estou homenageando o deputado que está presidindo– é pensar segurança pública com o intuito de proteção da vítima, proteção da mulher, especialmente da mulher negra, que é o alvo da violência. Ao contrário do que é feito, porque normalmente se faz e se pensa segurança pública como uma forma de aprisionar mais, encarcerar mais, todos nós sabemos, a população negra.

Então isso é segurança pública emancipatória, é isso que o senhor está fazendo. E tenho certeza de que essa convivência com Luizinho e com todas as lideranças ajuda nisso.

Então, Vilma, para encerrar eu queria te dar os parabéns, mas principalmente dizer muito obrigado por tudo que você me ensinou. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para fazer uso da palavra a secretária Olívia Santana.

A Sr^a OLÍVIA SANTANA:- Bom-dia a todas e a todos, é com enorme prazer que participo desta sessão, deputado Gika, Gika do PT, assim feliz de ser parte desse momento que é tão importante para a história do Movimento Negro na Bahia e no Brasil com certeza. Quero parabenizá-lo e, em seu nome, saudar todos os membros da Mesa; saudar a secretária Fábria; o ex e eterno deputado federal, relacionado, ligado diretamente a luta antirracista, o nosso querido deputado Luiz Alberto, que grandes serviços prestou e presta à luta contra o racismo no Brasil. Tenho aqui, e não quero deixar de fazer referência, à nominata dos membros da Mesa, o defensor público que acabou de representar aqui a Defensoria, Dr. Rafson Saraiva Ximenes; Creuza Juriti, pedagoga do instituto Casa da Cidadania de Serrinha; nossa querida Rosimeire dos Santos, referência do movimento social na luta em defesa dos direitos das comunidades quilombolas, dessa comunidade emblemática em Salvador, e Vilma tão bem se embandeirou dessa batalha que foi e tem sido a batalha Rio do Macaco. É muito importante que os quilombolas da Bahia percebam que a bandeira não caiu, que a bandeira continua firmemente segura. Porque, com mandato ou sem mandato, a militância do movimento negro, os verdadeiros militantes que fizeram e fazem a história da luta antirracista continuam garantindo os compromissos com as nossas comunidades.

Mas quero dizer, Vilma Reis, que me desdobrei para estar aqui hoje. Eu estava em São Francisco do Conde, numa agenda importantíssima para as mulheres. Articulei com o prefeito – porque na política a gente faz isso, a gente articula – para começar a inaugurar mais cedo o nosso Centro de Referência e Apoio à Mulher em Situação de Violência Maria Felipa, saudando a quilombola Maria Felipa. Fizemos uma festa belíssima; eu saí, mas o mulherio está lá ainda em festa, porque é mais um centro. Com essa inauguração de hoje, nós conseguimos ampliar a cobertura de centros de referência, Lena, para 20 territórios. Vamos concluir este primeiro mandato do governador Rui Costa com os 27 territórios, garantindo ali esses centros que são fundamentais para o apoio imediato à mulher que ainda sofre violência no nosso Estado.

Infelizmente, não pude participar da entrega da Medalha Zumbi dos Palmares à Vilma Reis pela câmara de vereadores de Salvador. Mas hoje o deputado Gika me deu essa segunda oportunidade, e eu fiz questão de estar aqui porque considero que precisamos celebrar as nossas referências, deixar sempre a porta aberta para que novas referências possam surgir e assumir a luta antirracista, a luta feminista. Sempre disse que para nós que temos um pouco mais de tempo nessa trajetória, quando a gente diz assim, “tenho 20 anos, 30 anos de movimento negro”, não pode ser como se fosse um status para impedir que as novas vozes possam chegar e ser tão respeitadas como as vozes que já estão nessa estrada. Porque esta é uma luta em que cabem muitas e muitos; porque estamos tratando no Brasil e ainda na Bahia e em Salvador de uma luta que diz respeito a milhões de brasileiros, negras e negros são a metade da

população brasileira, mais que a metade, 50,7% da população segundo o IBGE, em pesquisa de 2010.

Portanto, não podemos, nossa querida professora Vanda Sá Barreto, falar apenas para as nossas províncias, para os nossos quintais, para os nossos feudos; temos que erguer a voz para falar para todos e todas. E é muito bonito ver o testemunho do defensor público que disse aqui o quanto que aprendeu com Vilma Reis. Gostaria, defensor, que muitos promotores de justiça, juízes, muitas togas tivessem tido a mesma oportunidade que o senhor teve. Porque é muito duro ver alguns, com a autoridade de um *PowerPoint* e um *Excel*, pondo abaixo uma construção de políticas públicas, Dr^a Cláudia e Dr^a Cléia. O que foi tão árido para nós construirmos num tempo tão curto, em apenas 12 anos de uma experiência que ousou trazer casa para preto, para pobre morar; tirar esse povo da rua; “Minha Casa Minha Vida”; matar a fome. A gente achava que era uma coisa positiva, que se pudesse celebrar, neste País, que 50 milhões de brasileiros, não por coincidência, quase todos pretos, tivessem conseguido, deputado, fazer 3 refeições por dia, que o Brasil tivesse saído do mapa da fome das Nações Unidas. Mas isso foi considerado...

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Para concluir.

Sr^a OLÍVIA SANTANA:- Eu vou concluir.

Mas eu não poderia falar de Vilma sem falar das questões sociais e políticas deste País. Dizer que para nós, Vilma – desde os anos 1990 que te conheço, estivemos num seminário de mulheres negras em Piatã –, tudo isso pelo que lutamos, essas políticas públicas seriam motivo de celebração, de afirmação da identidade brasileira, da soberania brasileira. E isso virou um insulto, um insulto tão grande que as elites “blocaram”, fizeram um grande bloco institucional, midiático e resolveram destruir a experiência. Mas não foi só dar um golpe e derrubar: tem que destroçar, desconstruir as lideranças que chegaram ao poder e ousaram fazer essas coisas para o nosso povo. E o nosso povo agora precisa odiar essas lideranças que fizeram essa construção e celebrar os nossos detratores.

Eu sei que Vilma Reis é alguém que veio para marcar a história da Bahia e do Brasil e já marca com as suas atitudes, com a sua forma de se posicionar tenazmente em favor da vida, em favor dos direitos humanos da população negra. Ela assume atitude política diante dos grandes desafios, está aqui neste momento recebendo essa homenagem, testemunhada não só pelos amigos, mas também por Fernanda e sua prole. E essas meninas e meninos que aqui estão acompanhando a irmã de Vilma, a família de Vilma, com certeza, Vilma, voltarão para suas casas com a responsabilidade ainda maior, pois a autoestima deles e delas está mais regada, porque vão dizer: “Se a minha tia chegou, está sentada nessa mesa sendo homenageada pela Assembleia Legislativa da Bahia, eu também vou chegar!”. E eu quero que vocês cheguem. (Palmas) Porque é por vocês que Vilma chegou aonde chegou!

Um forte abraço. Parabéns, deputado, desculpe-me por eu ter extrapolado o tempo.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Com a palavra o deputado estadual Bira Corôa.

O Sr. BIRA CORÔA:- Bom-dia a todas e a todos. Eu vou pedir licença à Mesa para saudar a todos e a todas em nome dessa irmã de luta, Vilma Reis.

Quero iniciar agradecendo ao deputado Gika e dizendo, deputado, que a nossa presença nesta Casa já é uma quebra de formalidades, porque essa instituição não foi projetada para ser ocupada por nós negros, negras, índios, ciganos, quilombolas, povo de terreiro, marisqueiras, pescadores, assentados, acampados, entre outras e outros que podíamos aqui listar. (Palmas) Então quero parabenizá-lo exatamente por compreender a lógica e a necessidade de ocuparmos esse espaço numa celebração como a de hoje, quebrando as formalidades e permitindo que todos e todas possam fazer as suas referências.

É lógico que o dia de hoje é um dia de referências específicas, ao destacarmos essa nobre baiana que nos ensina todos os dias. Todos os depoimentos aqui feitos retratam o cotidiano de Vilma Reis. Tem um ensinamento de Vilma que eu faço questão de cumprir. Ela me disse uma vez, talvez não se lembre. Era vereador em Camaçari e, numa atividade, eu a chamei de Vilma. E ela disse: “Eu sou mulher, sou negra e tenho nome e sobrenome”. E essa afirmação é importante para que a gente possa fazer a ocupação dos nossos espaços. Os relatos aqui apresentados reafirmam isso, Olívia, reafirmam a necessidade de esta Casa fazer hoje uma homenagem que não é mais uma homenagem, mas é destacar alguém que por si só já nos representa, que por si já nos chama para a luta, que por si já nos abraça como irmã.

Então, é por isso, Vilma, que não poderia deixar de também fazer parte da quebra de formalidades para dizer: “parabéns, Gika, pela indicação”. Vida longa a essa mulher de luta, a essa mulher negra que, com nome e sobrenome, faz do seu dia a sua própria história de luta, a sua história de vida e nos inclui na sua história de luta e de vida. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Convido para fazer uso da palavra a secretária Fábria Reys.

A Srª FÁBIA REYS:- Boa-tarde a todos e todas – já chegamos à tarde—. Queria pedir licença a nossa ancestralidade de todo o movimento de lutadores e lutadoras que, com certeza, se faz presente nesta sessão especial de outorga da Medalha 2 de Julho a nossa socióloga, defensora, militante, mulher guerreira dos direitos humanos Vilma Reis.

Quero, também, saudar toda a Mesa, parabenizando a iniciativa do deputado Gika Lopes, Gika do PT, como todos já o conhecem muito bem. Quero parabenizá-lo pela coragem de fazer história nesta Casa, trazendo o registro de reconhecimento da luta do povo negro ao outorgar essa Medalha à socióloga e companheira Vilma Reis.

Quero saudar também o nosso subdefensor público geral, Dr. Rafson Saraiva Ximenes, representando aqui Dr. Clérison, da Defensoria: é muita honra para nós que temos feito um diálogo profícuo no sentido de construir pautas comuns da luta antirracista, dos direitos humanos, do combate à intolerância religiosa e da política de promoção da igualdade racial. Então, agradeço a parceria que temos estabelecido com a Defensoria Pública.

Cumprimentar aqui a coordenadora pedagógica do Instituto Casa de Cidadania de Serrinha, Cleuza Juruti. Ela é nossa companheira, também, nos Conselho do CDCN, nos quais Vilma Reis também tem sido e foi uma guerreira atuante, contribuindo para que a gente pudesse avançar nos marcos de direitos para a nossa população de homens e mulheres negras no Estado da Bahia. Muito obrigada, Cleuza Juruti.

Também saudar aqui a coordenadora da Associação Quilombo Rio dos Macacos, Rosimeire, nossa companheira de luta. A gente se encontra no Quilombo não só a partir de um dever institucional, mas de um compromisso, Rosimeire, nosso a partir do que nos conecta, que são as nossas histórias de vida, de entender que o nosso povo não ganha nada, ele conquista. O Rio dos Macacos tem sido esse exemplo para o mundo, para o Brasil e para a Bahia em resistência. Tenha em nós, que hoje falamos de um lugar institucional, um compromisso para que possamos cada vez mais nos somar e construir essa grande rede para assegurar os direitos de todos e todas. Saudando Rose, saúdo também aqui seu William, dona Olinda, um conjunto de representantes do Quilombo Rio dos Macacos.

Saudar, também, Sr^a Representante de Rede de Mulheres Negras, nossa companheira que nos dá uma aula aqui de conexão com suas companheiras e por quem, também, temos uma admiração profunda: Tânia Palma.

Saudar aqui o nosso fundador e coordenador do Projeto Axé, Marcos Cândido: o nosso respeito, também e admiração.

Saudar os militantes do Movimento Negro e o DJ Branco, Hamilton Oliveira, que tão bem colocou aqui os desafios da pauta. Vou precisar de um pouquinho mais de tempo, porque queria saudar todos e todas para construir aqui e identificar nesta Mesa como nós construímos e tecemos as nossas trajetórias individuais, nos conectando com o que é, também, a pauta comum a todos e todas aqui.

Eu rapidamente, então, saúdo o deputado Bira Coroa, que em outras oportunidades, também – a exemplo do senhor – pode homenagear também companheiros e companheiras da luta, como Kabenguelê Munanga, a professora Lourdinha e um conjunto de outros. Então, eu acho importante irmos costurando os nossos caminhos coletivos.

Saudar, por fim, a minha companheira e Secretária de Estado, Olívia Santana, que sabe que nós trinchamos por termos pautas que têm missão de transversalidade, de mulheres e da questão racial, uma trincheira dura para lutar contra o racismo e o sexismo institucional. Não é fácil construir, num Estado que historicamente não foi feito para nós, as políticas de promoção da igualdade e as políticas para as mulheres.

Nós só temos hoje uma Secretaria de Políticas para as Mulheres, uma Secretaria de Promoção da Igualdade, um conjunto de marcos institucionais, porque foi possível, Vilma Reis, a partir da luta do nosso povo e da sensibilidade do conjunto de companheiros que estiveram na institucionalidade, na condução de um projeto nacional, como o presidente Lula; como a presidenta Dilma; como o companheiro, à época, Jacques Wagner, aqui; a exemplo também do governador Rui Costa, que abraçaram a construção de um povo resistente, para que tivéssemos um ministério nacional e para que tenhamos, aqui, hoje, uma Secretaria de Promoção da Igualdade. Lugar do qual falo, com muita honra e respeito, cumprindo aqui o nosso compromisso, renovando o nosso compromisso de tocar, respeitosamente, o que é uma construção coletiva.

Essa plenária hoje, ela está aqui – Vilma – para lhe reconhecer, e nós estamos na construção da década internacional para afrodescendência. E esta manhã, que adentra pela tarde, é um dia de reconhecimento das nossas mulheres históricas, das nossas ancestralidades: Luiza Maim, como já disseram; Luiza Bairos, como também já foi mencionado; Maria Filipa e tantas outras, que nos legaram escolas de resistência, de que nós temos, por um passado de opressão, não de baixar a cabeça, mas, de fato, empunhar as nossas bandeiras, a nossa garra e seguir lutando.

Então, no que pese o desafio de estarmos na institucionalidade, nós não podemos nos descolar daqueles e daquelas que nos dão sentido de fazer missões de vida, seja estando na tarefa da institucionalidade, seja estando no papel, hoje, Vilma, de ouvidora para acolher. Mas, a sua luta se fez ao lado desses homens e dessas mulheres. Por isso esta Mesa, cada um do seu lugar, dá o recado de dizer que nós nos encontramos contigo, porque a sua história é a nossa história, do povo negro e do Estado da Bahia.

Então, hoje, eu conversava com Vilma, não tenho dúvida, Secretária Olívia, que a família de Vilma Reis, a Fernanda, aos quais quero registrar nos Anais desta Casa os seus nomes: Fernanda Santos Cardoso; Jaqueline Cardoso, sua sobrinha; Jackson Adriano; Diogo Cardoso e seus sobrinhos-netos Rosa e Bruno Emanuel. (Palmas) São essas pessoas que nos inspiram, que no momento de homenagem nos olham e enchem o peito de orgulho, e nos fazem encher os olhos de lágrimas, como ouvi sua irmã, há pouco, ali, e seus sobrinhos, porque é uma emoção de quem doa a vida para a construção das lutas do nosso povo. Uma vida de dedicação compartilhada e que também inspira.

E que hoje, como ontem nós tivemos aquela adolescente nos dando aula do que é a geração e o que é a construção de novas mentalidades de um novo conhecimento, como a Júlia, ontem aos 16 anos, nos ensinou que é possível, sim, nós trilharmos para além do bem material e construirmos novas consciências para os nossos jovens. E é essa inspiração e essa força que eu sei que seus sobrinhos hoje sentem, Vilma. E que nossa juventude, para além da sua família, a juventude de todos os povos negros, aqui, hoje, os quilombos se rendem nessa homenagem, os nossos terreiros de Candomblé. E aí a nossa saudação à ancestralidade, nos conecta por isso.

Então, é Fabya Reis, é Vilma Reis, é Maria, é João, somos todos nós, quilombolas, marisqueiros, pescadores, povos ciganos, povos indígenas, somos todos nós, povos tradicionais, herdeiros de uma história maior que nos antecede.

Nesta plenária hoje, Dr^a Cléa, a senhora que também foi homenageada sabe dessas emoções; Dr^a Cláudia também; professora Vanda Machado; nossa companheira Fátima; Maíra; nossa companheira e chefe de gabinete Ana Torquato: a bênção. Temos uma sala, uma tarde de celebração do reconhecimento. Cada vez mais que estabelecemos esses rituais, ritos de passagem, de afirmação da trajetória do nosso povo.

Parabenizo o senhor, deputado, V.Ex^a – temos de nos tratar assim – o senhor conquistou esse lugar pelo seu compromisso também com o seu povo, com nossa luta histórica dos trabalhadores rurais, do homem do campo, da agricultura familiar.

Dirijo-me mais uma vez a Vilma. Conte conosco, estamos juntas pois essa é uma luta que podemos colocar em Brasília em novembro do próximo, todas aquelas mulheres para construirmos um novo modo de viver. É isso que estamos construindo aqui. E eu saúdo este Plenário, majoritariamente de um conjunto de mulheres, que bravamente se conectarão contigo em nossas lutas, farão vibrar e tremer a voz da transformação do nosso Brasil.

O momento histórico é bastante difícil e desafiador, mas com a mesma força que resistimos até aqui, resistiremos muito mais, e mais do que resistir, vamos avançar passo a passo, para que possamos consolidar o conjunto das nossas conquistas. E nenhum direito a menos.

Falamos de um lugar institucional, trazendo um orgulho do nosso governador, um abraço para este dia, mas sem nunca vacilar. Nós estamos passageiramente. Por isso a régua e o compasso para qualquer fazer institucional, é construído a partir de nossas coletividades.

Então, nesta tarde, saúdo e parabenizo todos e todas os que compõem este grande momento de reconhecimento, que se conectam com a nossa possibilidade de um novo marco de luta para nós. Vilma, parabéns, você nos representa neste momento de honraria recebido nesta por esta Casa. Parabéns, deputado, mais uma vez por isso.

Boa-tarde a todos e todas. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika):- Tenho a satisfação de passar a palavra a nossa homenageada, socióloga, Vilma Maria dos Santos Reis. (Palmas)

(Apresentação musical.) (Palmas)

A Sr^a VILMA MARIA SANTOS REIS:- Salve, salve! A arte pode sempre mais do que a gente, não é?

Bom-dia para as pessoas com quem eu não falei, que não encontrei ainda, e também para aquelas com quem já falei, que eu já encontrei.

O meu nome é Vilma Reis. Sempre me apresento assim, é verdade, com nome e sobrenome. A gente aprendeu com essa senhora, chamada Lélia Gonzales, que num país covardemente racista como é o Brasil, um país absolutamente misógino, machista, tendo como centro o patriarcado, um país que continua – não é mesmo, Paulete? – matando pessoas trans, matando, portanto, pessoas da comunidade LGBTTI, por conta do seu pertencimento e da sua identidade sexual. Nós aprendemos com Lélia que, num país assim, precisamos ter nome e sobrenome, senão o racismo bota o nome que quiser na gente, e isso é muito importante.

Deputado Gika Lopes, a gente gosta de falar “Gika do PT”, é verdade, porque a sua trajetória, o seu caminho, a forma como Serrinha chegou em nossa vida tem muito a ver também com esta sessão.

Mas hoje eu vim aqui de roteirinho para a gente não perder – não é, Olívia? – o negócio do...

E eu quero começar dizendo assim: hoje é um dia muito, muito especial, por todas nós, por todos que estamos aqui, por cada pessoa que também não está aqui e que gostaria de estar aqui. Isso é muito importante. E a gente veio aqui para partilhar essa Comenda com muitas pessoas. Eu gostaria de começar dizendo que essa Comenda, é verdade, Dr. Rafson Ximenes, é de Ana Júlia, lá do Paraná, aquela menina de 16 anos que fez uma fala para formar e informar o Brasil o porquê das ocupações nas escolas. Essa Comenda, DJ Branco e Cleuza Juriti, é de todos os jovens, de todas as jovens que, corajosamente, ocupam as universidades neste momento. Portanto, essa Comenda, viu Joseane, você que está aqui, que no sábado fez um ato poderoso na Faculdade Batista Brasileira, você e outras jovens negras estudantes de Direito que lideraram aquele processo, assim como Bárbara e todas as suas colegas, essa Comenda é de todas as meninas como Rejane Viana, Paula Rocha, João Vieira, que estão ocupando todas as universidades baianas neste momento, todas! (Palmas) Na UEFS, Lorena Aguiar e toda juventude que faz do direito uma guerrilha, que faz as assessorias populares e que faz do Direito não uma língua de juridiquês que a pessoa não entende, não é mesmo, Rosimeire? Mas é a TR que faz um outro tipo de ação com o Direito. Então a Comenda é de toda essa gente que vai pelo país afora, Tânia Palma, é verdade, dizendo que a gente tem direito ao futuro. Essa Comenda é de todas essas pessoas.

Hoje também é um dia muito importante para nós, hoje é o aniversário de Luiz Inácio Lula da Silva. (Palmas) Mas, ontem, nós mexemos com uma coisa na esfera internacional, Bira Corôa, que certamente pode dar uma virada importante no Brasil. Ontem, o sistema Nações Unidas, tanto na sede dos seus programas, em Genebra, que controla e debate com o alto comissariado de direitos humanos, quanto toda as Nações Unidas aceitou a denúncia contra as violações dos direitos de Luiz Ignácio Lula da Silva. (Palmas) Parece que só estamos perdendo, Olívia, mas não é. Fabya, quando estamos falando disso, estamos nos arrepiando, porque é inaceitável.

Luiz Alberto, você que, corajosamente, num momento em que as pessoas achavam que era feio uma pessoa negra botar a cara para ser candidato, você e Luiza

Bairros, por uma decisão do movimento negro, em 1986, fizeram um santinho conjunto e foram disputar uma eleição inacreditável.

A gente está aqui, Luiz, vivo para contar essa história. A gente está aqui de pé, Terezinha Barros, para contar essa história. Tereza Espírito Santo, estamos vivas aqui. Abigail Alcântara, estamos vivas para contar essa história de pessoas como Luiz Alberto e Luiza, aqui na Bahia; de Edson Cardoso, lá em Brasília; de Lélia Gonzalez, no Rio de Janeiro.

Hoje se fala em milhares de votos para algumas candidaturas. É importante que a Ciência Política, Gika, saiba, lembre-se que Lélia Gonzalez, essa mulher aqui, foi candidata pelo PDT, junto com Brizola e Abdias Nascimento, e teve, naquele período, naquele momento, 35 mil votos, em 1986. Isso é histórico, tem que ir para a Ciência Política, porque era sem nenhuma condição. Então, esperamos que domingo, apesar do massacre na Bahia e em São Paulo, este País mude a história elegendo Marcelo Freixo, na cidade do Rio de Janeiro. (Palmas) Temos muita esperança. Respiramos política e a política é que muda as coisas, Fátima, sabemos disso. Dr^a Cléia Costa e Dr^a Cláudia Moura, as senhoras estão lá, no contexto da PGE, um espaço tão estratégico para nós, porque é ali que se decide se vai fazer ou não vai, são as senhoras que vão emitir os pareceres. É muito importante o que estamos fazendo aqui. É exatamente o momento de conversarmos sobre as coisas que um grupo de pessoas, neste País, não quer que conversemos.

É dessa forma que digo: eu estou muito feliz porque também hoje é 27 de outubro. Nós, há mais de 10 anos, exatamente em 2004, Terezinha Bairros, votamos a política de saúde da população negra e criamos este dia, Marcos Cândido, como o Dia Nacional de Saúde da População Negra. Tudo isso são lutas insanas que botamos em cima da mesa, porque tinha a ver com as batalhas que precisávamos encampar, Cida. Estou vendo você e Arielma aqui, vocês que encamparam lutas muito difíceis na Secretaria de Trabalho deste Estado, inovando, pensando, astuciando como fazer para alterar. Estou lembrando aqui da minha amiga que conheci recentemente, Camile Maciel. Isso, pra gente, é tão importante, tão fundamental.

E é dessa forma que quero partir para esses agradecimentos. Tânia, quando estamos falando que trouxemos alguns presentes para o deputado Gika e para os demais deputados... deputado Bira Corôa, nós que sabemos o que foi fazer política em Camaçari em outros tempos; deputado Gika, nós que sabemos o que foi mexer com o semiárido da Bahia. Nós que sabemos, hem, Juriti, hem, Luizinho, hem, Ivoneide, a gente se jogar esses agradecimentos.

Tania, quando, aqui, a gente fala que trouxe alguns presentes para o deputado Gika e para os demais deputados... Deputado Bira Corôa, somos nós quem sabe o que foi fazer política em outros tempos em Camaçari. Deputado Gika, somos nós quem sabe o que foi mexer com o Semiárido da Bahia.

Quem sabe disso somos nós, não é, Juriti, Luizinho e Ivoneide? Digo isso, pois a gente se jogou por aquele Semiárido. E vocês, a partir da eleição em Serrinha, conseguiram fazer com que Serrinha deixasse de ser um pouco o município com viúvas de marido vivo. Quem está na luta do MST e quem está na luta da agricultura

familiar sabe do que a gente está falando. (Palmas) Quem está na luta quilombola sabe do que a gente está falando. Falo de pessoas, em comunidades inteiras, deixarem os territórios para venderem a sua força de trabalho nos canaviais do Sul do Brasil, a fim de, às vezes, nunca mais voltar.

Então, para o dia de hoje, a gente trouxe, como presente, duas propostas aos deputados desta Casa. Observem, precisamos que essas propostas aconteçam.

Professora Vanda Sá Barreto, tenho muita felicidade em tê-la aqui nesta plateia, pois a senhora junto a Nazaré Mota de Lima e a outras companheiras tiveram a inspiração de criar o Ceafo para que a gente, a partir da Federal, pudesse se levantar, Lena, e pudesse falar a nossa palavra na institucionalidade. Eva Bahia e Lúcia Vasconcelos, a partir de projetos pilotos, a gente pôde alterar e inspirar mesmo. Foi isso o que Dr. Rafson Ximenes falou aqui. E é isso para todos nós.

Entre os anos 2007 e 2008, fomos à Defensoria para ajudar a criar a Capred, a central, para poder acolher os presos e os seus familiares. A gente fez isso a partir do Ceafo. Quando a gente foi fazer as diretrizes curriculares... A professora Lena Garcia, aqui presente, é do Paraná e, hoje, está na Bahia, para nossa felicidade, dentro do IFBA a mexer com políticas fundamentais em nossa vida. Isso nos ajudou, nos últimos tempos, a fortalecer a nossa posição dentro da Defensoria. Dr. Rafson, ali está a professora Lena Garcia que escreveu o parecer da pertinência do sistema de cotas dentro da Defensoria Pública e nas outras instituições.

Quando a gente junta todas essas pessoas aqui é para dizer o que nós fizemos ao longo desses últimos 30 anos. É isso mesmo o que Olívia disse aqui. Quando a gente fala em 30 anos parece muito tempo mas não é. Não é assim, Maria Cristina, Rita, Sandra? Estas são as companheiras MSTB, as mulheres que lutam, as mulheres do Movimento Sem Teto da Bahia que lutam para a gente ter direito à moradia e para o Brasil cumprir o art. 6º da Constituição.

Quando a gente levanta essas propostas aqui, nós fazemos isso de cabeça erguida. Não é assim, Sílvia Teles? Não é assim, equipe da Ouvidoria? Quem é da equipe da Ouvidoria, por favor, façam um sinal para o povo ver que existe e que é real. É esta a forma! A gente acredita ser possível fazer a sociedade.

E Tânia nos ensina todos os dias ser preciso, muitas vezes, estabelecer a pedagogia da transgressão e da desobediência, Daniele e Deise. Você está em um lugar e você pode... Não é assim, Ana? Não é assim, Ivana Ventura, Maria e Andressa? Eta, a Defensoria está aqui presente em peso! Não é? (Palmas)

Tânia nos ensina todos os dias que quando a gente está em um lugar não é para a gente se encolher, mas é para a gente acolher pessoas, é para a gente fazer com que aquele espaço fique maior. Não é assim, D. Zênia? Não é assim, gente? Hamilton, você está lá no Axé, está na rua, está na batalha com a gente junto à Equipe Pop Rua da Defensoria Pública do Estado da Bahia. Quando a gente está na institucionalidade é para a gente abrir os espaços, é para a gente fazer com que mais pessoas possam participar e possam vir para o outro lado.

Não é assim, Luizinho? Aqui, estou vendo as companheiras da Unegro. E é isso mesmo, não é, Cilene?

É desse jeito que a gente vai mudando a sociedade. Se você chega a um lugar e se você, lá, se encolhe e diz só fazer o estritamente necessário, o estritamente necessário é ridículo, gente! O estritamente necessário vai matando você por dentro! Não é isso, Ari e Gil? Quanto à gradeza da gente, a gente não pode abrir mão. Não é não, companheira da Associação da Economia Solidária, lá da Cidade Baixa? A gente não pode abrir mão. Quando a gente fizer algo, nós temos de acolher mais pessoas!

E é isso, Sr. William, pois eu estou vendo o senhor aqui. Estou vendo várias pessoas como D. Olinda e D. Olga. Estou vendo aqui várias pessoas e companheiras da CPP. Isso é muito importante. Vejo Helena Argolo! Estamos presentes todas nós da Rede de Mulheres Negras da Bahia. Vejo Livia Ferreira! Nós, da Rede de Mulheres Negras da Bahia, estamos aqui sempre para ampliar o entendimento da pedagogia da desobediência. E quanto a essa pedagogia, ela é importante. Vejo, agora, Caio Macedo.

Por que a gente fica falando de Serrinha? Por que Serrinha é tão importante pra nós?

Eu explico. Diziam para nós que, na Bahia, não seria possível fazer este movimento pedagógico, que nós não conseguiríamos mudar e não conseguiríamos fazer. Gika, foi, exatamente, em uma cidade, não incluída no mapa das cidades inovadoras, que conseguimos fazer a mudança. Havia um mapa onde estavam determinadas as cidades nas quais nós podíamos fazer as coisas. Havia a companheira que tinha sido a prefeita de Pintadas, Neusa Cadore. Vejam o que a companheira Neusa Cadore fez! Você, junto a Osni! À época, eu era colega dele na Uneb. Eu estava no campus de Seabra e ele estava no campus de Serrinha. E, a partir daquela movimentação política ali, vocês botaram Serrinha em outro mapa.

E a gente... Gika, houve um encontro na Uneb de Paulo Afonso, onde muita coisa virou. Não foi não, Luizinho? Luizinho, corajosamente, encheu o carro com a juventude e foi a Paulo Afonso e disse: "Lá, vocês vão conhecer umas mulheres, porque elas estão mexendo com a cabeça da gente pelo País."

Eu sou metida. Obviamente, vocês sabem, né? Eu sou uma pessoa metida, porque nós somos a geração do cabelo que cresce pra cima. Não é mesmo, Evilásio? Você, junto ao major Peixoto, junto a Eurico e junto a tantos outros, os senhores criaram o Nafro na Bahia, ou seja, criaram um lugar de dignidade para os policiais militares professarem a diversidade religiosa a partir das religiões de matriz africana dentro da Polícia Militar.

Então, nós temos esta mitidez, mas não é uma coisa para humilhar ninguém e não é uma coisa para diminuir as pessoas. Não é não, Lúcia Vasconcelos? Não é não, Durval Azevedo? Não é não, Ana Torquato?

Bem, a gente não faz as coisas só por fazer. A gente faz as coisas para a gente ficar mais forte. Aqui, como bem disse a secretária de Políticas para Mulheres, a companheira Olívia Santana, a gente vai juntando todas as energias, porque nós

precisamos que as pessoas levantem todos os dias de cabeça erguida, bicando a diagonal e fazendo o que Luiza de Bairros nos ensinou. Elas nos ensinou a levantar a cabeça de cada pessoa negra, cada homem, cada mulher, cada jovem.

Nós não somos milhões, assim, muitas vezes, nos espaços. Não é não? Às vezes, a gente fica pensando que o CAB se parece com a Finlândia. Então, Fábria, como nos disse Luiza de Bairros, quanto aos lugares aos quais a gente chega, a gente tem de se comportar como dirigente. Olha que coisa importante! Aonde nós chegarmos, nós temos de nos comportar como dirigentes. (Palmas) Viu, Rebeca? É isso o que a gente faz todos os dias! Aonde nós chegamos, nós nos comportamos como dirigentes.

Gika, é isso! É desta forma que eu quero deixar a nossa proposta com todos os deputados e com todas as deputadas desta Casa. Quero que vocês, deputados Gika e Bira Corôa, sejam os porta-vozes para entregarem estas duas propostas aos demais deputados.

A primeira proposta é um plano de trabalho que está sendo feito pela Rede. Trata-se do Manifesto da Rede de Mulheres Negras da Bahia que lançou a campanha Parem de Nos Matar. E, aqui, existem 11 itens que traduzem, para nós, o significado de Parem de Nos Matar.

Quando a gente está falando em Parem de Nos Matar, a gente está dizendo que a Marinha, a SPU, o INCRA, a Casa Civil e as outras instâncias, melhor, todos precisam, imediata e horizontalmente, ajudar a Sepromi a socorrer a Associação Quilombola de Rio dos Macacos! Há a necessidade de conseguirmos fazer a estrada e garantir a água para essa população, porque a comunidade não quer a água para fins militares, mas ela quer a água para o seu próprio uso, para a sua própria produção e para a sua própria vivência harmoniosa com a natureza.

Fábria, a gente precisa que a Marinha não erga o muro ao redor daqueles 104 hectares enquanto não finalizar o processo com vocês, com a SPU e com o próprio Ministério da Defesa.

Então a gente fala, aqui, neste manifesto, das comunidades tradicionais e das tarefas políticas. A gente fala, também, da violência obstétrica. Dr. Rafson, a gente fala que juiz, adversário da Lei Maria da Penha, não pode compor a Vara de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. (Palmas) A gente está dizendo que todas as unidades de nome DEAM – Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher – não podem ser o lugar para ocorrer a segunda violência contra as mulheres! (Palmas) Neste manifesto, a gente está dizendo que o grande pacto, necessário a ser feito na área da segurança pública na Bahia, é garantir o fato de que o Ministério Público não archive nenhum caso de assassinato de jovem negro, porque o nível de arquivamento dos processos, hoje, é da ordem 94%! (Palmas)

Nós contamos com os parlamentares para nos ajudar a desbloquear esta agenda!

Portanto hoje é um dia de celebração. No entanto, é mais um dia fundamental para a nossa luta. Vamos passar este manifesto para as mãos de cada parlamentar e para as mãos de cada autoridade presente na Mesa Diretora.

Há uma outra tarefa, deputado Gika Lopes, melhor, Gika do PT. A outra tarefa é inspirada na canção cantada aqui pela nossa companheira e cantora maravilhosa Matilde Charles. (Palmas)

Agora, eu falo para os 63 deputados e deputadas da Bahia.

Trata-se da Defensoria Pública do Estado da Bahia. Trata-se da situação de desigualdade no Estado da Bahia. Deputado, é o seguinte. Observem, o Tribunal de Justiça tem um orçamento de tamanho enorme. Todo mundo tem as suas necessidades. Mas o orçamento da Justiça ultrapassa a cifra de R\$ 1 bilhão. O Ministério Público tem um orçamento que passa de meio bilhão! A Defensoria Pública do Estado da Bahia tem a responsabilidade de defender, do conjunto de 15 milhões, 11 milhões de pessoas em nosso Estado! Pasmem, Cida! Pasmem, companheiros! A Defensoria Pública do Estado protege 11 milhões de pessoas na Bahia.

Deputado, eu queria dizer da necessidade urgente de se votar, aqui nesta Casa, a nova Lei Orgânica da Defensoria Pública. (Palmas) Sabem por quê, companheiras e companheiros? Primeiro, é necessário isso ser votado, porque a Defensoria Pública completou, durante este ano, 30 anos de sua existência. Vocês sabem que a gente foi se reunir com a senadora Lídice da Mata com o intuito de pedir a ajuda dela para um diálogo com o governador Rui Costa. São 30 anos de existência da Defensoria Pública na Bahia. E nós não temos um único servidor ou uma única servidora de carreira nesta instituição Defensoria Pública. (Palmas) Logo, é necessário fazer concurso público para a Defensoria Pública do Estado da Bahia. (Muitas palmas)

Esta instituição tem o seu direito de fazer concurso para a gente sedimentar todos os conhecimentos poderosos que a Defensoria Pública tem, pois é ela quem defende e é ela quem garante a luta das mulheres que batalham contra a violência doméstica. É a instituição Defensoria Pública quem promove ação de alimentos. É a Defensoria Pública quem faz o teste de paternidade. Na Defensoria Pública, há o núcleo fundiário. A Defensoria Pública conta com o núcleo para atender à população em situação de rua. A Defensoria Pública criou uma área especializada em direitos humanos que abrange infância e adolescência, abrange os direitos da mulher, abrange os direitos fundiários, portanto, abrange o direito à moradia.

Defensoria Pública não é gasto! (Palmas) Defensoria Pública é investimento! (Palmas)

Não é possível esta instituição continuar com este orçamento! (Palmas) Por que eu digo isso? Porque não é possível continuar assim. Há gente que pensa ser possível pagar a quantia de R\$ 21 mil a um advogado para ele fazer a defesa em um caso de júri. Mas um defensor público custa muito menos que isso. Só existe um defensor público sozinho para um único município. E este defensor, ele ou ela, absorve todas as causas daquele município onde é chamado para atuar.

Deputado, o senhor sabe disso tudo. O senhor sabe não é gasto, Defensoria é investimento.

Tem gente que pensa que é possível pagar R\$ 21 mil a um advogado dativo para fazer um júri, mas um defensor público pode custar bem menos que isso. E um defensor vai sozinho para um município. E ele sozinho, ou ela, absorve todas as causas daquele município. Deputado, o senhor sabe qual é a capilaridade da Defensoria em seu município, que, inclusive, tem presídio?

Então, é muito importante a luta que estamos fazendo. Apreendi esse caminho com Tânia Palma, que foi, durante 2 mandatos, ouvidora geral da Defensoria Pública e que sedimentou em nossa cabeça que precisávamos fazer um outro modelo de Ouvidoria, mas também fazer um caminho para que não apenas quem está dentro da Defensoria a fortaleça, mas a sociedade inteira.

Então, tem gente que não entende quando a gente sai daqui e posta foto imediatamente e diz: “Olha, a Defensoria, através da sua Ouvidoria externa, estava lá, em Ilha de Maré, estava em Rio dos Macacos, estava no Baixo Sul”, como vamos estar no dia 31, com as mulheres do Quilombo de Boi Caraca. (Palmas)

Tem gente que não entende, mas quando a gente tá dizendo isso é porque sabe... Paulete, você foi à nossa conferência temática LGBT, com Dr^a Eva, e sabe a importância disso.

Quando se votou o Plano Estadual de Educação, os deputados e deputadas sabem como foi decisiva aqui a atuação de Dr^a Eva Rodrigues, coordenadora de Direitos Humanos da Defensoria Pública, e dos demais defensores que estavam nessa frente, senão a gente teria perdido o plano inteiro. Sem o movimento de mulheres e de mulheres negras, sem o movimento LGBT e sem a ação contundente da especializada de Direitos Humanos a gente não teria um Plano Estadual de Educação. Então, isso pra gente é muito importante.

E qual é, ante um orçamento que passa de R\$ 1 bilhão para o TJ, que passa de meio bilhão de reais para o Ministério Público, o orçamento, hoje, deputado Gika, para a Defensoria? Cento e setenta e dois milhões de reais. Como é que a gente defende 11 milhões de pessoas? A Bahia tem 277 comarcas, a Defensoria só pode, ainda, neste momento, estar em 29 comarcas.

A gente precisa, deputado, votar imediatamente... Secretária Fabya Reis, a gente pede a sua ajuda pra fazer a militância junto aos deputados federais, com quem a Sepromi dialoga. A gente pede ajuda aqui a todos os deputados estaduais. Que ao chegarem aqui, efetivamente, honrem cada voto que vocês receberam em cada território da Bahia e que ajudem à população de seus territórios a ter o direito, que é ter direito, à Defensoria Pública. Isso pra gente é muito importante.

Rio dos Macacos só não foi pras cucuias no início da sua jornada porque houve um defensor público chamado Gil Braga que parou e ouviu a comunidade. Aí, foi o caminho para a comunidade achar a TR, porque já estava com a gloriosa CPP, com a assessoria do Conselho Pastoral de Pescadores, mas, sozinhos, não dava, naquela hora, pra barrar. Foi um defensor público que veio de Serrinha, que aprendeu as lições

em Serrinha, que começou um caminho virtuoso em Serrinha, Gil Braga, que hoje é coordenador da Casa de Acesso à Justiça, o primeiro que ouviu Rio dos Macacos no sistema de justiça.

Então, a gente tá falando de um lugar que é diferente dos outros lugares. Então, não pode ter uma decisão técnica, burocrática de, simplesmente, não vou dar R\$ 250 milhões para a Defensoria porque isso é gasto. Não, gasto é o advogado dativo, que vai lá e ganha não sei quantos mil reais para fazer um júri, para acompanhar uma causa. E ele é advogado somente daquela.

O defensor não é caro, sabe por quê? Quando o defensor chega... considerando que 72% das ações da Defensoria estão focadas no campo da extrajudicialidade, a Defensoria, com as audiências de custódia, não deixa o sistema prisional se abarrotar. É a Defensoria, que fazendo a extrajudicialidade, não deixa o caso chegar à Justiça, é a Defensoria que, com as ações e com a Câmara Técnica de Saúde, impede a judicialização da saúde.

Então, gente, é muito importante.

Eurico, é um prazer a sua presença aqui, Pai Eurico, o senhor que, junto com Evilásio Bouças, fez o Nafro. E dizer que, pra nós, que batalhamos tanto contra a violência religiosa, o Nafro, e a ação de um novo núcleo que nasce da Defensoria, é muito importante.

Salve, salve, deputada Maria del Carmen! (Palmas)

Termino dizendo o seguinte: os movimentos que estão aqui, neste momento, Taís, você que vem de Feira de Santana, com as suas batalhas; você que vem do SAJU, com as suas batalhas; movimentos como MSTB; o CPP (Conselho Pastoral de Pescadores); o Quilombola; e, fundamentalmente, o Movimento Juventude Negra... quando vejo o DJ Branco... e tem gente que não entende por que todos os sábados eu paro um momento e digo: “Gente, liga o rádio, que vai começar Evolução *Hip Hop!*” É porque o DJ Branco, quando pega naquele microfone, quebra uma estatística. (Palmas) Ele quebra uma estatística.

Para terminar, quando Creuza Juriti chega a um espaço de cabeça erguida, “bigona diagonal”, não é assim, Evoneide?, de pé, é porque a gente aprendeu com Alice Lokar, e a gente aprende tanto com Winnie Mandela todos os dias, que é preciso ter uma geração de cabeça erguida. A gente compreende, Juriti, porque a gente compreende necessariamente...

Aí, Marcos Campos, eu já fui na formação do Projeto Axé este ano, com todos os educadores e educadoras do Axé. Tive essa honra, convidada por vocês. E disse que precisávamos ter este livrinho na biblioteca (mostra o livro para todos os presentes). Eu queria dizer que a gente precisa ter outro livrinho na biblioteca, este livrinho, professora Vanda, Lena, toda a militância que está aqui, toda a intelectualidade que está aqui, Teresinha Barros, companheira Aline Moreira, companheira Helena Argolo, é tão perigoso que levou 35 anos para ser traduzido no Brasil, viu, Daniel Gramacho! É o livro de Ângela Davis: *Mulheres, raça e classe*.

Sabe por que demora tanto, Máira Azevedo? Por isso que tem de ter um monte de Tia Ma, não é? Por que demora tanto para ser traduzido no Brasil, Anna Torquato? Por que será que leva tanto tempo para ser traduzido, Alex Reis, no Brasil? Disse Capra, o cara que escreveu *O ponto de mutação*, o gênio da física, que esse foi o livro que mudou a história do ocidente nos últimos 30 anos. Que sem a lição do movimento dos *Black Powers* ele teria sido um homem medíocre. Mas foi a partir do contato com esse movimento que entendeu que ele, como homem branco, tinha uma tarefa a cumprir.

Então, acho que quando entendemos que a política de conhecimento, Cirlene, faz isso, faz com que um livro de Ângela Davis seja traduzido somente... como uma mulher poderosa, como Djamila Ribeiro e Rosane Borges... Djamila Ribeiro que, por sabedoria e entendimento, tanto de Eduardo Suplicy como de Fernando Haddad, tornou-se secretária da Cidadania e Direitos Humanos da maior cidade da América Latina. (Palmas) Dona Olinda, sabe por quê? Representação conta, não é, minha irmã!

Uma coisa é dizer que é bom ser deputado, é importante ser governador, é importante ser deputada. Mas é diferente quando dizemos que conhecemos uma pessoa que é deputada. Eu conheço uma pessoa que é ouvidora. Outra menina lá, na periferia, Anna, quando ouve uma frase assim diz que também quer ser ouvidora. Ela olha para Ivana Ventura e diz que também quer ser psicóloga. Ela olha para você, para Meire e diz que também quer ser assistente social.

Então, essas são as lições que aprendemos com mulheres como Tânia Palma todos os dias. Tânia escreve uma revolução em nossa cabeça todos os dias.

Fomos para a ocupação da Uneb anteontem. Ficamos lá até as 22h30min.

Os estudantes não conseguiam sair do lugar, estavam alucinados. Eles diziam: “Mas o que é isso, onde vocês estavam, por que a gente não tem se encontrado?”

Somos as pessoas mais ocupadas da cidade. Por quê?

Queremos que todos saiam daqui e peguem a cópia do manifesto da Rede e digam: “Vou fazer reunião com mais 5 pessoas depois que sair daqui”. É isso que Maura faz, é isso que as meninas da ocupação Manoel Faustino fazem.

Nereida, quando sairmos daqui, teremos de fazer a pergunta que a menina fez ontem aos deputados na Assembleia Legislativa do Paraná. Ela perguntou: “Mas, afinal, de quem são as escolas, a quem pertencem as escolas?”

É dessa forma que queremos terminar, dizendo que entendemos que, se fazer a luta em Salvador é difícil, imagine fazer a luta no interior da Bahia. Você, que fez a luta em Itamaraju, naquele Extremo Sul da Bahia... As pessoas que fazem a luta no Recôncavo, em Maragogipe...

É um momento, hoje, em que pedimos tanta atenção diante do que está ocorrendo com a segurança pública. Achamos que se a política pública chegar, como a Defensoria tem feito, indo por aí, dizendo que tem outras instituições que têm de chegar... A Polícia tem de ser a última instituição a chegar a nossas comunidades. E a gente gosta desses policiais que estão aqui. (Palmas)

Para terminar, gostaria de dizer que, para nós, é tão importante estar aqui como foi para Maria Felipa entrar em Salvador depois de afundar 23 embarcações da Ilha de Itaparica até aqui. Foi uma mulher negra que nos fez ter o Dois de Julho. E não é à toa que uma geração política deste Estado batalha para ter o Dois de Julho em tantos nomes, em tantos lugares. Precisamos renomear os lugares desta Bahia, pois não aceitamos a afronta dos conservadores. É muito importante para nós.

Termino, professora Terezinha Barros, dizendo que, para nós, o sentido que tem essa nossa batalha é dizer o que mulheres como Luiza e tantas outras fizeram no congresso feminista de 1985, em Bertioga. Eu queria que os senhores e as senhoras se levantassem para finalizarmos esta sessão.

Luiza Bairos e todas as pessoas que foram àquele congresso de Bertioga e entenderam que a partir de uma bandeira do feminismo negro, nós tínhamos régua e compasso para governar este País. Elas entraram e cantaram a canção que, no ano passado, a deputada estadual pelo PCdoB de São Paulo cantou para convocar a marcha de mulheres negras, Leci Brandão. Elas cantaram a nossa canção de liberdade, feita pelas mulheres do MNU deste Estado e que se espalhou pelo Brasil. A canção diz assim...

(A oradora canta.)

Viva Maria Felipa! Viva Luiza Bairos! Viva a luta! Viva a luta! Viva a luta!
Viva a nós! Viva as águas! Viva o povo de terreiro! Viva o povo dos terreiros!
(Palmas) Viva o povo dos quilombos! Viva o movimento de pescadores e pescadoras!
Viva as mulheres negras deste País! Viva a luta! Viva nós! Luta mais, luta quem precisa! Viva a nós! Viva a nós! (Palmas)

(Apresentação musical)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Gika Lopes):- Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares, amigos e familiares da homenageada, das Sr^{as} Deputadas e dos Srs. Deputados, da imprensa, e declaro encerrada a presente sessão.

Que Deus abençoe a todos. Vamos à luta!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.